O 19 DE OUTUBRO

> O homem só tem os direitos que adquiriu por meio da luta; só tem os direitos que está disposto a defender com as armas na mão.
>
> KROPOTKINE

NUMERO UNICO | S. Paulo, 19 de Outubro de 1920 | ANNO 1

> A efusão do sangue não vale nada, o que importa é a causa que o faz derramar.
>
> PROUDHON

O 19 de outubro

Ao vir a publico relembrar o doloroso acontecimento que nos roubou a vida de quatro amigos, de quatro abnegados, cheios de vida, de amor e de esperanças, que um dia haviam de ingressar em uma Sociedade de Justiça e amor entre os homens, não o faremos para render culto aos mortos, mas sim esperançados de que conseguiremos restabelecer a verdade acerca das intenções, que moviam aquelles quatro homens; para isso não recorreremos a devaneios literarios, nem tampouco a subterfugios filosoficos, daremos com a exatidão que nos fôr possivel, as suas biografias; ellas é que poderão falar da altivez de caracter que sempre revelaram e da nobreza de sentimentos que se observava em todos os actos da sua vida, publica ou privada.

No desabrochar da sua juventude tiveram a felicidade de comprehender as injustiças desta sociedade, e a grandesa dos ideaes anarquistas; almas abnegadas, corações sensiveis a todos os sofrimentos, puzeram desde logo a sua vida á disposição de um ideal de Justiça. Contra esta aspiração altiva e dignificadora, levantava-se a força armada da sociedade capitalista; era portanto necessario defender-se, mas como? Dolorosa interrogação; contra a violencia organizada, não ha outra arma mais que a violencia organizada tambem, e era isto, o que aquelles quatro homens risonhos, mas resolutos, preparavam com carinho e altruismo inenarraveis.

Fabricavam bombas que deveriam servir para defender os trabalhadores quando os esbirros policiaes, como de costume, os viessem amesquinhar, espaldeirando-os, obrigando-os a correr como seres inferiores.

Contra violencia sem nome como é esta, ergueu-se em todos os tempos o braço de seres altruistas e bem equilibrados; de entre elles muitos pereceram vitimas da sua altivez; estes são mais quatro victimas do seu bem querer á humanidade.

Sobre os seus cadaveres ainda quentes, os jornalistas burguezes — escoria dos homens, cretinos entre os cretinos, cuspiram toda a sua baba peçonhenta, os classificativos mais infamantes foram por esses vendidos da propria consciencia, applicado aos nossos bons amigos. Pouco importa.

Satisfaz-nos a esperança de que muito em breve todos os salafrarios da imprensa burgueza serão chamados a contas.

Belarmino Fernandes

Era natural de Portugal, onde deixou sua mãe e sua irmã.

Aos 15 annos foi trazido por seu pai para o Rio de Janeiro.

Belarmino empregou-se no commercio, captando desde logo, as sympathias de todos os que com elle privavam, inclusive os seus patrões.

Aos 17 annos por divergencias intimas deixou a casa de seu pai.

Esta segunda fase da vida de Belarmino e a que mais nos deve interessar, ella nos dará a conhecer toda a grandeza de sentimentos que o animavam:

Trabalhando sempre no commercio, matriculou-se numa escola afim de adquirir conhecimentos para vencer na luta pela vida, que então lhe era um sonho de bonança.

Foi nesta época que um feliz acaso o aproximou de alguns anarchistas do Rio de Janeiro, não demorou muito em conquistar verdadeiras amizades entre alguns delles ao mesmo tempo que conquistava a sympathia e a admiração de todos: estudioso que era principiou a estudar a questão social do ponto de vista anarchista, para ao fim de um anno ser um dos bons defensores desse ideal.

Espirito altamente justiceiro procurava por todos os meios, combater as injustiças sociaes, temperamento impulsivo, vendo-se combatido e esmagado pela prepotencia da sociedade capitalista, ao ver que o unico direito respeitado, era o da força, procurou, pôr em pratica algum meio que pudesse enfrentar a força governamental.

Um ex-republicano; iniciou-o na fabricação de bombas. Convencido de que só a bomba podia defender o povo da oppressão governamental, entregou-se com a maior abnegação ao trabalho de fabricar explosivos, vencendo as maiores difficuldades, sempre com um sorriso amargo nos labios.

Belarmino ainda bastante moço e com aparencia de menino, era um modelo de honestidade, o que lhe valia a consideração e a confiança de todos, a sua actividade era digna de menção, para elle não havia difficuldades que não fossem vencidas; algumas vezes o vimos passar quatro dias sem dormir por falta de tempo, isto é para poder fazer aquillo que lhe parecia viria contribuir, para libertar a humanidade.

O seu temperamento carinhoso fazia com que os que o conheciam disputassem as suas attenções, meigo e energico, bom e justiceiro, altivo e dedicado, eram qualidades que todos lhe reconheciamos.

Em poucas linhas deixamos ahi o perfil de um anarchista que succumbiu victima da sua dedicação á causa da humanidade e que a imprensa mercenaria da corrupta e corruptora burguezia pintou nos tenebrosos dias de Outubro de 1919, como um sacco de odio, de fél.

Nada nos admirou o que a imprensa disse dos nossos camaradas e amigos, sabemos que a grandeza das ideias que defendemos, como a grandeza das intenções que animavam os nossos quatro amigos não podem ser comprehendidas, pela pequenez e baixeza de caracter de um ou mais jornalistas *cavadores* faltos das mais comesinhas noções de honestidade ou de justiça.

Salve pois a memoria dos quatro idealistas que deram a vida por uma sociedade de paz e amor entre os homens.

Salve os justiceiros deste regimen de oppressão e degradação, em que vivemos.

Salve os fortes que souberam morrer por causas grandes.

BELARMINO FERNANDES

> **Os que procuram simplesmente a verdade não têm que fazer circumlocuções. Eu sou anarchista e não me incommodam os epithetos de «doido» e «destrambelhado» que as minhas opiniões chamam sobre mim.**
>
> ELISEU RÉCLUS

ALMAS GRANDES!

Vão rolando de geração a geração, atravez do correr infindavel das épocas, as folhas soltas dos idealismos humanos.

Desde tempos immemoraveis os ideaes succedem-se interruptamente, e não podia deixar de ser assim, pois não podia deixar de conceber idealismos quem possue a força propulsora, que dá a faculdade e necessidade de abstrair-se do meio ambiente e elevar-se, numa tendencia natural, e aperfeiçoar-se.

Os idealistas são os *artistas* do genero humano.

São os que o aperfeiçoam, dando forma ás ideas e firmeza aos sentimentos.

São elles os que guiam a humanidade no roteiro traçado pela lei da evolução, são elles os timoneiros da raça, os eleitos da Natureza.

E em todas as épocas, das mais barbaras até aos nossos dias, foram sempre elles os martyres, os sacrificados.

Os alicerces de toda filosofia são feitos de cadaveres unidos com sangue coagulado que o tempo petrifica.

Foram elles os loucos de todos os tempos, odiados, perseguidos, desprezados.

São os eternos incomprehendidos que passam a vida num relance, deixando a seu passo uma restea de luz amaldiçoada que vae augmentando, augmentando, até transformar-se em astro aurifulgente, fazendo então curvarem-se ante o seu brilho as mesmas multidões que lhe estendiam com furor os punhos ameaçadores.

Isto, com todos os idealistas. Todas as ideias, credos, filosofias, têm as mesmas fases, sofrem as mesmas repulsões e conseguem ao fim a mesma apoteose.

Todo o ser humano precisa ter o que sentir e o que pensar. Precisa de um conjuncto de ideias que lhe dê uma concepção do escopo da vida. Sómente que a immensa maioria dos humanos é incapaz de formar de per si, para seu uso proprio, esse conjuncto de ideias e é a minoria restante que tem de pensar por si e pelos outros, crear doutrinas e opiniões para uso geral.

Uma parte dessa minoria procura apenas agradar a maioria e as doutrinas e opiniões que formulam, têm por unico fim confirmar a opinião em voga o que lisongeia aos inuteis e aos interessados em estacionar a marcha da humanidade e lhe offerece os meios de viver uma vida egoistamente commoda e feliz.

A outra parte dessa minoria é composta pelos sinceros, pelos idealistas. Estes, sem se importarem com a opinião reinante, nem com conveniencias sociaes, pondo de lado o empecilho e o tradicionalismo, olham para o futuro, perscrutam-lhe o arcano impenetravel e os seus olhos de arautos das novas eras, conseguem ver muito longe.

Tomando depois do passado e do presente a porção de ideaes que escolheu, a faz passar pelo crisol do seu raciocinio, adjunta-lhe as impressões e sensações que recolheu contemplando o futuro e géra uma ideia nova.

Offerece o fructo da sua mentalidade, de um trabalho extenuante de muitas noites de insomnia passadas a pensar na humanidade, offerece esse pedaço da sua alma e do seu cerebro, essa Ideia, ao mundo!

Não lhe pede em troca favores e beneficios pessoaes, não! Pede-lhe apenas que estude essa Ideia, que a analyse, lhe faça as observações que lhe forem suggeridas e se errou, que lhe indiquem onde está o erro.

O idealista pede ao mundo que estude e comprehenda a sua Ideia, porque

nella condensou todos os seus sonhos de um futuro melhor de redempção e de felicidades para a Humanidade.

Nada pede para si. Que os seus semelhantes sejam felizes, e elle o será tambem.

A recompensa que tanto altruismo obtem vós todos o sabeis.

De todos os lados surgem clamores: «Quer modificar os costumes estabelecidos por nossos paes e por nossos avós. E' um inimigo da sociedade, um perigoso revolucionario.»

E a multidão ignara, que apenas sabe applaudir os gestos dos seus titereiros, pede para elle a prisão e a morte.

Contra todo o seu idealismo pensado e sentido só offerecem um argumento: «não se toquem as ideias vigentes. Ellas foram instituidas por nossos antepassados e, sejam boas ou ruins, não se discutem, acceitam-se.»

———

Acontece que sempre, sobe qualquer instituição, houve um numero de seres sem escrupulos que, constituindo-se uma classe aparte, casta privilegiada, dedica-se a explorar e a governar aos demais, á grande maioria.

Esta casta é extremamente cruel e tyrannisa quanto póde os seus governados,

A's vezes, estes, quando a tyrannia se torna por demais intoleravel, clamam justiça. Surgem então os eternos justiceiros; os idealistas.

A' frente dos povos, são então os seus libertadores pugnando pela liberdade, á que não exitam em offerecer a vida.

Morrem como valentes, como heroes, no campo de lucta, na prisão, na tortura, na forca, heroes muitas vezes obscuros e ignorados, raras vezes comprehendidos e admirados, sempre dignos de veneração e respeito.

Por sobre a terra que os cobre, paira o insulto dos poderosos, a calumnia dos cobardes e dos vendidos, o esquecimento da populaça que os aclamou e apupou vinte vezes, conforme as circumstancias, e a dôr daquelles que tendo-os comprehendido, choram a sua perda.

E mais tarde, quando os seus nomes tenham-se varrido para sempre das memorias, quando a lembrança de seu sacrificio pareça morta, resurgirão as suas almas grandes, encamadas no seu Ideal triumphante e as novas gerações saudarão então a sua memoria sacrosanta.

E quem sabe si a materia dos heróes, transformada em bellissimas rosas, não saudará tambem a nova Ideia victoriosa, desfazendo-se em chuva de pétalas...

Ha muitas almas pequeninas, muitas. Mas bastam essas almas sublimes de idealistas para arrastar o mundo para a frente, para o futuro.

Guerreiros da Anarchia

———

Quem escreve estas linhas conheceu os quatro camaradas, cuja memoria hoje recordamos com saudade e admiração. A dois delles — José Prol e Joaquim Santos e Silva — conheceu-os pouco, de rapidos encontros fortuitos. Dois typos logo á primeira vista bem diversos: Pról, concentrado, naturalmente grave, fallando pouco; Joaquim Santos e Silva, expansivo, alegre, palrador. Aos outros dois — Bellarmino Fernandes e José Alves — conheceu-os bem, de longo convivio e amizade. Bellarmino, muito novo ainda, intelligente, embora sem grande cultivo, era um desses militantes cuja qualidade primacial se podia resumir em duas palavras: dedicação infatigavel: Uma dedicação dessas de commover, sem medida e sem calculo, sinão o calculo de servir sempre e sempre ao Ideal amado. José Alves era um cerebral, um typo de pensador. Sua convicção anarchista tinha raizes profundas, adubadas por uma cultura de admirar num operario. Cultura de auto-didacta, adquirida á custa de uma vontade férrea, nas escassas horas sacrificadas ao repouso merecido, depois do rude trabalho quotidiano pelo pão. Sensibilidade delicadissimo, elle se fizera professor primario, nos ultimos tempos de vida, cultivando os cerebros dos pequenos, futuros trabalhadores, a elle entregues, com o amor de um jardineiro a cultivar as suas flores e com uma alta consciencia de sua missão de educador. Sua vocação natural, de temperamento, e de gosto, de estheta e de psychologo, era bem essa — professor de creanças.

Eram quatro homens, por indole pessoal dispares, mas intimamente ligados pela mesma fé profunda no Ideal, a vida consagrada á mesma obra de luta extrema pela redempção da humanidade escravizada.

Impacientes de acção, a luta revolucionaria não era para elles um torneio de palavras, nem sport, nem diletantismo, nem vaidade. Era acção. Acção suprema contra a tyrannia. Guerreiros da Anarchia, preparavam silenciosamente, no seu laboratorio, as armas de combate. Almas de heroes, vontades de bronze, grandes corações, seguiam impavidos a róta traçada, rudes e magnificos, promptos a todos os sacrificios em prol da Causa. Sua vida pertencia á Causa. Pela Causa baquearam, pela Causa sacrificaram a propria vida.

Ainda hoje, um anno passado, todos nós, seus amigos, seus companheiros, ainda ouvimos os échos tragicos da hecatombe que os tragou. A mesma angustia dolorosa nos aperta a garganta, nos confrange e nos suffoca. O desastre immenso cahiu-nos sobre a cabeça como um peso de chumbo. Pobres amigos! grandes martyres!

Mas nós não os lamentamos. Nós orgulhamo-nos delles. Seus nomes ficaram gravados indelevelmente em nossos peitos e hão de passar aos posteros como nomes de authenticos heroes e martyres.

Commemorando hoje a catastrophe de 19 de Outubro de 1919, em cujo fogo sua vida se consumiu, nós rendemos á sua memoria o culto commovido da nossa saudade e da nossa admiração.

Aos moços do nosso tempo, soldados das nossas fileiras rebeldes, nós os apontamos como os exemplos maximos dos nossos combatentes.

Aos nossos inimigos, generaes e mercenarios da reacção, dizemos nós: ei-los, os nossos heroes! Elles não morrem, porque os exemplos dos heroes fructificarão e triumpharão!

BRAZILIO ANARKOS.

Recordando os nossos mortos

——

Estavamos em meados de Outubro do anno passado: a policia de São Paulo alliada com os capitalistas e a padralhada, preparava mais uma reacção para esmagar as associações operarias que se vinham engrandecendo e que já possuiam o seu orgão defensor (A Plebe), repetindo assim a tremenda reacção de 1917.

Em 1917, por occasião da grande gréve em que os proletarios de São Paulo, por tres dias dominaram a situação, vimos que os governantes amedrontados, viram-se forçados a capitular deante da attitude ameaçadoro da multidão, acceitando o famoso pacto de honra proposto pela commissão de imprensa que serviu de intermediaria. Mas a policia devia vingar-se. Passado um mez, iniciou infame perseguição.

Trabalhadores inermes eram arrancados de seus leitos a altas horas da noite pela caterva de cães chefiada pelo famigerado Thirso Martins, não respeitando sequer o pudor de mães, mulheres e filhas, e diante das criancinhas, espavoridas, eram espancados e presos.

Depois erão infamemente expulsos, deixando aqui os seus caros, sem poder ao menos despedir-se e dar-lhes o ultimo beijo, deixando suas familias na mais completa miseria.

Diante desses actos de barbaridade, vemos que dentro da grande phalange proletaria sahem quatro trabalhadores conscientes, que, enfrentando todos os perigos, se decidem a procurar os meios para defender-se no momento de serem atacados.

Quiz a fatalidade que, no justo momento em que a policia ia lançar mãos de seus processos barbaros, na tarde de 19 de Outubro do anno passado, esses quatro camaradas fossem victimas de um desastre.

No dia seguinte, a mesma imprensa que em 1917, junto com a policia, nos illudiu, estampava paginas inteiras, calumniando esses camaradas como individuos da peor especie.

Eis que hoje, no anniversario desse triste acontecimento, sentimos o dever de (escrevendo estas linhas) relembrar esses quatro camaradas que succumbiram, não como assassinos, mas sim como quatro heroes, quatro abnegados, que luctaram pela grande causa.

E hoje, que grandes acontecimentos se preparam contra os trabalhadores, e que está para entrar em vigor uma lei infame, a lei Adolfo Gordo, nós, escrevendo estas linhas, o nosso pensamento vae sobre aquella tumba que relembra os quatro cameradas, que se impõe ao destino, e fazendo votos para que outros abnegados retomem o posto de lucta para a defeza de nossos direitos e para a conquista do nosso ideal.

FREDERICO BRITO

Ler e passar adiante

Rememorando...

———

Foi ha um anno... Para nós parece que ainda foi hontem!

Toda causa tem seus martyres. A nossa tem-nos em respeitavel quantidade. Não ha martyres mais despreoccupados, mais generosos, mais altruistas que os nossos. Tambem não os ha que tenham sido mais calumniados e villipendiados.

Os quatro camaradas que deram a sua vida pela liberdade, pertenciam a esse numero selecto de homens, que, no dizer dos nossos proprios adversarios, — *têm excesso de altruismo*.

Não procuravam gloriolas nem mundanas vaidades. Eram grandes, serenos, imperturbaveis factores de uma obra magnifica, esplendente, que devia ser o primeiro passo dado para a extincção de todas as seculares iniquidades e oppressões que tolhem e algemam a infeliz Humanidade, dividindo-a em multiplos campos oppostos e inimigos.

Pois bem. Que queriam os nossos camaradas desapparecidos tragicamente? A emancipação economica, a liberdade integral. Delles? Não. De todos, porque todos, mais ou menos, soffrem as consequencias do iniquo regimen social.

E foi por essa causa nobilissima, grandiosa, immensuravel, que elles deram a existencia material!

Amavam a vida. E foi por muito a amarem — que morreram!...

* * *

S. Paulo é um eito, com muitos feitores e alguns milhões de escravos.

Ha os feitores politicos, industriaes, latifundistas, negociantes, prediaes. Os primeiros, saídos das camadas velhacas do arrivismo, sem fé, sem caracter, sem consciencia, para as altas culminancias do poder, ambiciosos, egoistas, sybaritas — avergam o povo com impostos cada vez maiores, cada vez menos supportaveis.

Os industriaes, quasi todos estrangeiros, almas de piratas, attrahidos pela sêde voraz do ouro, da riqueza, dos prazeres, de uma somitiqueza repulstva, quanto maior é o seu lucro liquido no fim de cada anno, mais se desperta nelles a cupidez de amoedar, de enthesourar, numa insania diabolica, execranda. Os latifundistas, senhores da fazenda, reis e rainhas do café, saíram dos antigos nucleos *bandeirantes*, gente audaz, escravocata, malvada, egoista, amiga da vida facil, farta, opulenta, embora á custa de lagrimas, de soffrimentos, de angustias, de morticinios sinistros; primeiro, opprimiram os indigenas e quando isso lhes foi prohibido devido ás rivalidades sangrentas entre elles e os jesuitas, recorreram ao africano que aviltaram até á abjecção e de que ha ainda vestigios bem visiveis; extinta a escravidão forçada, recorreram á escravidão indirecta, á escravidão salariada, em que o colono muitas vezes para receber o que com tanto custo, tanta miseria e tribulação ganhou, encontra a morte na garrucha do facinora acapangado... Os negociantes são constituidos, geralmente, da escumalha emigrada, ambiciosa, trapaceira, marôta e que, com barganterias abominaveis, em que o incendio proposital, a moratoria e a concordata, a fallencia fraudulenta, são coisas corriqueiras, que causam riso e ladinas piscadellas de olho, são latrocinios proveitosissimos; isso sem contar a mais descarada contrafacção e adulteração de generos, como caolin no assucar, pau de campeche por vinho, milho e feijão bichado no café moido, serragem por pimentão, etc., etc... Estas classes todas tambem exploravam o rendimento predial, e assim cada vez temos casas menores a preços mais elevados.

Isto, afinal, não é novo, nem é mal exclusivo de S. Paulo. E' de todo o paiz, é de todo o mundo. Nem mesmo na Russia sovietica está extincto de todo...

E', porém, preciso destacar que é em S. Pauló que a classe oppressora e execravel refinou os seus instinctos de espoliação e roubo. Perdeu totalmente o recato e hoje explora descaradamente, com um cynismo de mulher publica.

Para tal conseguir, alliaram-se todas as classes, em trustes de açambarcadores. Os politicos são os advogados, os directores, os consultores juridicos dos trustes. E como o governo tem 10.000 capangas bem armados, bem municiados, embora mal nutridos, quando o povo consumidor tem assomos de revolta, ou o operariado recorre á gréve para não morrer de fome, apontam-lhe as carabinas e as metralhadoras, os cavallarianos espadeiram-no, e os secretas esbordoam-no, prendem-no e torturam-no em prisões que são verdadeiras masmorras inquisitoriaes.

* * *

Foi esse poderio sinistro, abjecto, ignobil, infamante, que o proletariado, unido e solidario procurou extinguir em 1919. O operariado sabia que só unido, e bem unido, poderia resistir e subjugar os seus abominaveis tyrannos, — e preparou com enthusiasmo a sua união, cimentando-a fortemente pela solidariedade mais cordial. Os productores sabiam que os capangas de farda estavam bem armados, bem municiados, e que na sua servil e degradante inconsciencia atirariam sobre elles, massacrando-os como das outras vezes.

Preparavam-se para a resistencia contra os intrataveis verdugos. Não os atacariam, não lhes fariam mal, mas defender-se-iam com resolução, com intrepidez, com o denodo sereno dos fortes e dos heroes.

Foi nesse momento de culminante enthusiasmo, de fé inabalavel, que surgiram, destacando-se luminosamente, os quatro camaradas que mezes após uma explosão arrebatou, arrebatando igualmente as nossas esperanças grandiosas de emancipação.

Quem poderá reviver aquelles momentos de cálido enthusiasmo, de ardente volupia revolucionaria?... Na rua, todos os perigos da espionagem solerte e ignobil, a espreitar, a escutar, a indagar, a conjecturar... Nas associações operarias todas as audacias da propaganda, os oradores e doutrinadores ouvidos e vivados com verdadeiro transporte: no olhar todas as promessas e todas as audacias: no forte aperto de mão, as provas inconcussas da firmeza, da solidariedade, da resolução... Os trauliteiros, os açambarcadores, os falsificadores, os adulteradores, os proxenetas, os caftens, os politicos da oligarchia dominante —

alarmados, assustados, aterrados, vendo em toda a parte conspiradores, indesejaveis, victimarios, que iam pedir-lhes estrictas contas do que impunemente, durante muitos annos, roubaram ao povo... A imprensa delles, com as tremulas bravatas dos cobardes e dos que não se sentem seguros, ameaçava, fulminando vinganças sinistras. A nossa, virilmente, rebatia e zombava superiormente do pavor concentrado dos tyrannos e seus sordidos e desfibrados famulos... A propria policia, a capangada armada do Estado, os algozes do povo, estavam dispostos a não resistir, jogando as armas ao chão e fraternizando com os trabalhadores... E revoluteando, em proporções estarrecedoras para a insolente e pávida burguezia, o boato, o tremendo, o capacioso, o sophistico boato a morder as consciencias, a amarellecer os semblantes, a avincar os rostos da canalhocracia até alli só pensando em opprimir, explorar, extorquir, e em banquetear-se em regabofes dignos da Pantagruel e dos Borgias...

. . . .

E foi nesse culminante momento historico que a tragedia sobreveio!

Bellarmino, Pról, Alves, Joaquim... Que grandes almas eram as vossas! E que mesquinhos nos sentimos, nós outros, que vos sobrevivemos — por não poder aproveitar o vosso salutar trabalho!...

Mas, o vosso exemplo generoso e forte perdura ainda, perdurará sempre em nosso cerebro — como um incitamento fascinador e deslumbrante... Nós vos honraremos, como são dignos de ser honrados os bemfeitores da Humanidade: persistindo, até vêr realizada a obra estupenda pela qual perdestes a vida!...

PIRITUBA PEDREIRA.

Os nossos recursos não nos permitem fazer uma grande tiragem, por este motivo; pedimos aos leitores que depois de lêr, passem adiante.

José Alves

Em fins de 1913, em uma reunião realizada na séde da extincta Federação Operaria do Rio de Janeiro, conheci José Alves.

Um camarada acabava de realizar uma palestra de propaganda dos ideaes libertarios: a assistencia pouco numerosa commeçava a retirar-se, e no salão modesto formavam-se alguns grupos, commentando os ultimos acontecimentos relativos á questão social.

Despertou-me a attenção em um dos grupos, a figura sympathica de um adolescente, modestamente trajado, de apparencia um tanto franzina, sobresaindo de sua fronte alta, uma forte e negra cabeleira.

Elle conversava, externando as suas opiniões anarchistas, e dissera que apezar de em Vianna do Castello, terra do seu nascimento, ja se preoccupar com os problemas sociaes e estar em contacto com as organisações ali existentes, aqui no Rio era a primeira vez que vinha ao convivio dos trabalhadores, pois só naquelle dia tivera conhecimento de que aqui tambem havia reuniões de caracter libertario.

Conversamos e nos tornamos amigos.

Inteligente, propenso aos mais extremados racciocinios, José Alves emaranhou-se no campo florestal das doutrinas anarchistas formando com o decorrer do tempo e a custo do seu estudo incessante uma consciencia clara e robusta, depurando-se das confusões metaphysicas para as quaes a riqueza de sua imaginação o impellia.

De excelente caracter, de habitos simples e trabalhador, dedicado com tenacidade á propaganda libertaria, José Alves levava mais além a sua dedicação á causa da emancipação humana, agindo no sentido de adquirir os elementos materiaes que habilitassem os revoltados a offerecerem uma resistencia physica, positiva e efficaz ás forças organizadas de que dispõe a reacção burgueza.

A' violencia governamental-capitalista, José Alves, pretendia oppôr a resistencia armada dos rebeldes, e na falta de carabinas e canhões de difficil aquisição para o proletariado, elle procurava encontrar na dynamite, na gelinite e na polvora clorotada deflagrando mortifera e formidanda do interior de tubos de ferro resistente, os succedaneos indispensaveis á efficiencia da defeza das legiões opprimidas.

Foi José Alves, um dos primeiros camaradas que se preoccupou com o emprego dos explosivos e se dedicou ao seu fabrico.

Em experiencias sucessivas elle conseguira não só preparar petardos de um alto valor destructivo, como a regularização de sua explosão por meio de [illegible] electricas e para horas determinadas.

Um descuido talvez, uma defficiencia de installação, que obrigara os quatro camarades da rua João Boemer, a trabalhar em mister tão arriscado em uma salinha de jantar sem a tranquilidade e as accomodações necessarias para o manejo dos apparelhos e explosivos e a consequente segurança dos fabricantes, causou a medonha explosão que os victimou, mutilando-os horrivelmente.

As ulteriores descobertas da policia do Estado de S. Paulo, aprehendendo o arsenal revolucionario daquelles camaradas, e a verificação do poder destructivo das bombas aprehendidas feita pelos peritos policiaes com a explosão das mesmas em logar apropriado, attestou que a confecção das mesmas era obra de mão de mestre.

Morreu José Alves: no verdor de uma mocidade sã e esperançosa. Mais infeliz que os seus companheiros de infortunio, agonisou curtindo dôres terriveis durante quatro horas, até que a morte o fizesse descançar no somno eterno.

Um lutador de menos na arena do conflicto social, para desgraça nossa, para a infelicidade dos que soffrem a tyrannia burgueza.

A rebeldia é a mãe de todo o progresso. A humanidade caminha de rebeldia em rebeldia.

URBAIN GOHIER

Joaquim Santos e Silva

Faz hoje um anno que quatro anarchistas convencidos succumbiram improfiquamente, quando se occupavam em preparar a munição que teria servido para defender o proletariado consciente do ataque projectado pela policia paulistana.

A imprensa mercenaria, de par com a policia, aproveitou a occasião daquelle desastre para vomitar toda sua «bilis» contra os anarchistas, especialmente os extrangeiros, e contra aquelles que generosamente se preparavam para uma acção positiva, atacar as escóras que regem, ainda esta corja cainesca de criminosos que nos infamam e assassinam, chamada: sociedade burgueza, estado conservador... da immoralidade e da rapina!

Lembramos ainda que os mercenarios da penna, de todas as gazetas, escreviam (disputando) uma mais infame e estupida do que a outra, para formular argumentos e insultar em especial modo a memoria daquelles nossos quatro companheiros que foram José Prol, José Alves, Belarmino Fernandes e Joaquim Santos e Silva.

Os melhores titulos que os escribas usavam eram os de delinquentes e de assassinos.

De Joaquim Santos e Silva, o que eu mais conhecia entre os outros, direi que pouquissimos jovens bons como elle temos conhecido.

Nascido em Setubal, perto de Lisboa, partiu clandestinamente, aos vinte annos de idade, atravessando a fronteira hespanhola, para não servir a patria dos seus senhores...

Após haver peregrinado por muitas localidades da Hespanha, em 1912, de Vigo embarcou num vapor directo ao Rio de Janeiro, ahi trabalhando poucos mezes, transferiu-se depois para São Paulo.

Sua existencia, nesta ultima cidade, foi um espelho de absoluta nitidez.

Trabalhador assiduo e habil, joven morigerado e escrupuloso, companheiro inteligente e sem pedantismo, quando assumia encargos da propaganda era duma rigorosa pontualidade.

Como administrador do dinheiro da propaganda, seu escrupulo alcançava o

JOAQUIM SANTOS E SILVA

exaggero, clamando contra aquelle que, talvez, mesmo por necessidade, se utilizasse de um só «mil réis» da collectividade libertaria.

De caracter firme, se bem que ainda joven, facilmente observava e não se dispensava de censurar aquelle que não fosse duma coherencia a toda a prova!

Quando seu pae, tambem anarchista, lhe escrevia, informando-o do movimento libertario de Portugal, gosava um enorme contentamento, participando aos companheiros mais intimos que «o pae», assim o chamava, como homem consciente, desenvolvia tambem uma propaganda activa em beneficio dos trabalhadores.

Uma coisa o preoccupava frequentemente: o pensamento que uma joven irmã estava sendo devorada dia a dia pela enexoravel tuberculose!...

Assim é que elle foi um dos criminosos como o quizeram demonstrar os escribas pagos pela policia paulista.

Sua criminalidade se resume no facto de, em 1914, tomando parte num comicio contra a guerra, realizado no Largo do Palacio, ter sido agarrado pela policia e identificado como anarchista e não sabemos se tambem «perigoso»...

De modo que data de então que os esbirros, conhecendo-o, ameudadas vezes o espionavam.

Depois da gréve geral de 1917, esperando a perseguição que todos lembram, o jesuita Altino Arantes, coadjuvado por aquelles velhaquissimos que respondem aos nomes de Eloy Chaves e Thirso Martins, incluiu na lista dos expulsos o companheiro Joaquim Santos e Silva, o qual, porém, pôde illudir a vigilancia da esbirralhada e fugir para o Rio, de onde embarcou para o Rio Grande do Sul e dahi para Buenos Aires. De novo illudindo a vigilancia policial, voltou para São Paulo, desenvolvendo uma actividade não commum.

Surgindo as novas organizações operarias, em especial modo a dos empregados da Light, o governo do jesuita Arantes, vislumbrou a proxima revolução e, com o pretexto de garantir a ordem... dos bandidos, fez recrudescer novamente a perseguição aos anarchistas militantes, assaltando as associações proletarias, a redacção da «A Plebe» diaria e muitas residencias de companheiros mais em evidencia.

Tudo isso foi noturalmente o motivo principal que conduziu aquelles quatro camaradas nossos a preparar os meios efficazes, para reagir contra tanta infamia praticada á sombra da lei.

Uma coisa sinceramente nos entristece: que elles tiveram de succumbir, sem poder conduzir ao fim a tarefa á qual se dedicaram, ignorando todos os outros militantes a sua abnegação, com o sacrificio da propria vida.

Saudamos no anniversario do seu sacrificio, a sua memoria de obscuros heróes do proximo resurgimento, espargindo com profusão sobre as suas campas as flôres vermelhas, symbolos de rebellião.

C.

Todo o revulucionario tem o dever de fazer chegar a toda aparte O 19 de Outubro.

José Pro'l

Um dia — já lá vae longe essa data! — em Vargem Grande fui apresentado a um joven hespanhol que chegava naquelle instante de São Paulo. Ia negociar, vender artigos diversos a prestações. Sua conversa agradavel e seus modos affaveis, captivaram-me de tal forma que, aquella amisade iniciada com o negocio de um movel qualquer; durou até á data de sua morte . . . Morte! Morrer quando a vida nos chama! Morre quando os horizontes se nos abrem e que a vida nos sorri como a mulher amada! Oh! isso não é morte, é um absurdo!... Sim, um absurdo, e foi com estas palavras que eu acolhi a noticia da morte de meu bom amigo.

Lia eu, na segunda-feira 20 de Outubro de 1919, «O Estado de São Paulo» quando reparo — os olhos se me foram — num titulo em letras garrafaes: *Terrivel explosão — morte de quatro dynamiteiros*. Ponho-me a ler:

«Bellarmino Fernandez, Joaquim da Silva, José Alves, e José Pról» ... José Pról?! mas será o Pról?! Leio avidamente a noticia: Sim, não resta a menor duvida, é Pról, é o mesmo amigo, que em Vargem Grande, me vendeu um movel e que tão profundamente estimei...

Lembro-me como se fôra hoje, de um dia que passei com elle em São Paulo — poucos dias antes da explosão. — Ia-mos pela rua do Gazometro. Elle contava-me mil e uma particularidades de sua vida intima e publica. Quando chegavamos ao cimo da ponte que vadeia o rio Tamanduatey, parou; parou e olhando-me de frente, com aquelles seus olhos que traduziam eloquentemente sua dôr, disse-me:

«Isto é necessario que acabe; é preciso que os homens sejam irmãos e não feras». Mas a que vem isso? perguntei-lhe admirado.

Eu não posso mais resistir aos impulsos de meu coração; não posso vêr mais o derrame de energias sem proveito, assim como não quero, porque isto mata-me, vêr esses bandos de desgraçados estendendo a mão ao viandante, para poder comer uma miseria. Não, não posso. Isto é demais.

Creio — retruquei-lhe — que não estás em teu juizo, creio que exageras o sofrimento humano.

Não, não exagero. Não vês em volta de ti como erguem esses espectros da fome? Não vês como a joventude é arremessada para a valla da prostituição? Não vês?

Sim, vejo, mas que queres? o mundo vem ha seculos assim sendo, e creio que continuará a ser assim por muito tempo...

Não, não; isso é que não. Olha vem esta noite em minha casa. Vens?

Sim, vou. E Pról retirou-se sempre a scismar em endireitar o mundo, em alcançar para o homem uma sociedade onde elle possa viver em paz e onde reine eterna harmonia.

Naquella noite fui como tinha promettido, á casa de Pról: estava elle a brincar com seus filhos, «filhos a quem amo como a menina de meus olhos», como elle dizia.

Assim que me viu abandou-os e veio receber-me.

Fez-me entrar para uma saleta onde havia diversas coisas: Um armario, uma mesa, malas, etc.: alli acommodados, Pról principiou por lastimar-se por cau-

sa de seus filhos; estavam doentes já ha basstante dias e não sabia como cural-os.

Depois descambou para o terreno das reivindicações proletarias, achando que tudo eram lerias, passatempos... O que é necesssario é agir, fazer alguma coisa de pratico: Fazer a revolução.

Mas como queres, louco, fazer a revolução se o povo não está armado?

O povo não está armado — retrucou-me, em seguida — mas estamos nós. Vocês! ah! ah! ah! alguns revolveres, hein? Qual revolveres nem qual carapuças.

Estamos armados e vamos empregar granadas de mão... Queres ver? E Pról abriu uma das malas de onde tirou uns tubos de ferrro fundido de seus dez centimetros de altura por cinco de diametro, fechado de um lado e aberto de outro. D'este lado aberto, havia uma rosca onde se atarraxava uma tampa, tambem de ferro fundido,

Vês, isto é o casco, e isto é o que ha de fazer rebentar a bomba. — E me mostrava — um vidro de seus cinco centimetros de comprimento por um e meio de diametro, e continuou a dar-me explicações. — Este vidro se enche de acido sulfurico puro, e antes de o fechar se lhe introduz uma balla de chumbo para o fazer rebentar; depois com uma lamparina se solda e está pronto.

E depois? preguntei.

Depois se mette no tubo de ferro que já temos carregado de dynamite e em cujo centro deixamos o espaço necessario para colocar o vidro. Na dynamite colocamos uma ou mais capsulas de fulminato de mercurio. No fundo do tubo de ferro e no centro que deixamos aberto para a colocação do vidro, pomos um pouco de polvora cloratada que serve para incendiar a capsula; e isto se faz authomaticamente.

— Quando o acido calcina a polvora, esta pega fogo e incendeia o fulminato. Como vês é uma coisa muito simples.

E isso o que é? preguntei ao vêr um tubo maior.

Isto é uma machina infernal; uma bomba relogio. Como vês é um tubo de ferro de qualquer dimensão, um relogio e uma pilha electrica: ligamos no relogio duas pontas de fio de cobre, desse de campainha, um á caixa, o outro a um ponto que previamente colocamos no mostrador por sobre a hora que desejamos seja feita a explosão. Este ultimo deve estar bem isolado para não fechar o curto circuito no momento da montagem. Toda a cautella é necessaria pois a vida corre perigo. Um destes fios liga-se á um dos bornes da pilha e do outro borne sahe outro que será soldado a um fio de platina, na outra ponta — deste fio de platina, que bastará ter cinco centimetros de comprimento, ligamos a ponta do outro fio de cobre. Feito isto, o fio de platina, dobrado, será introduzido numa capsula de fulminato de mercurio e esta mettida na massa de dynamite que enche o ferro. Depois... é só pôr o relogio a andar, tendo o cuidado de lhe cortar o ponteiro dos minutos.

E isto? preguntei ainda ao vêr um vidro cheio de qualquer coisa.

Isto é gazolina e phosphoro vivo, ou branco; jogando esta garrafa ao chão, a gazolina se espalha e o phosphoro com o contacto do ar pega fogo e ha, assim um incendio.

O mesmo effeito temos misturando phosphoro e acido sulfurico nesta mistura de haver o cuidado de se saber que em partes iguaes incendeia instantaneamente, e que uma mistura de uma parte de phosphoro e cinco de acido sulfurico demora mais. Ah! meu amigo, disse-me Pról — o povo não nos agradece todo esse sacrificio!... Mas não importa! Nós somos os sopradores da revolução e havemos de fazer o que possamos para abrir-lhe o caminho. Vocês os theoricos...

O que?

...Não gostaes disto, tendes adversão. Não comprehendeis que é necessario acabar de vez com este estado de coisas. Que é necessario arrancar a alhada do lombo da humanidade!

Sim eu não posso comprehender como se póde fazer uma revolução sem haver preparo e... queres que te diga; eu sou inimigo da revolução; quero que tudo seja feito por intermedio da instrucção, da educação: sou evolucionista.

Evolucionista! Mas a evolução realizou alguma coisa sem o auxilio da revolução? Olha na natureza; todos os phenomenos são o fructo de uma longa evolução, mas no momento em que o corpo vae transformar-se, ha meu amigo, uma revolução mais ou menos violenta.

A revolução é uma fatalidade historica e natural.

Mas, si se pudesse fazer sem derramar sangue!

Se se pudesse era muito bom, era o ideal; mas não se póde. A burguezia é tão egoista que antes prefirirá morrer do que entrar num accordo comnosco; accordo este que será feito debaixo das seguintes condições: Entregar as terras e todas as riquezas sociaes, á collectividade e trabalharem, produzirem de accordo com suas forças.

—Então a revolução será inevitavel?!

—Sim; será. Sinto-o deveras. Horrorisa-me saber que semelhantes meus, terão que succumbir... Não importa! Estou tranquillo porque tudo o que faço, faço-o em proveito da humanidade. Sacrificamos uma minoria?

Mas não está uma minoria sacrificando a maioria? Então porque temer, porque os escrupulos de consciencia, se nós vamos lutar frente a frente?

Entre applausos, flores e musicas, vão milhares de desgraçados, por gosto ou á força, para os campos de batalha. Vão matar sem motivos; vão matar sem saber porquê, mas vão mata; ninguem lhes diz nada, todos os olham com admiração e as nossas filhas lhes entregam o que de mais mimoso possuem: a castidade... Nós, que tambem somos um exercito, e que luctamos por alguma coisa, sabendo o que vamos fazer; nós, dizia, somos accoimados de assassinos, bandidos, etc. Bandidos, assassinos, nós? ha, amigo, como isto é duro de roer. Mas um dia chegará em que a humanidade se lembre de nós, com orgulho.

Já? perguntou-me Pról; já sim amigo, já. Vou espairecer. Creio que tens razão; é necessario fazer alguma coisa para libertar o povo das mãos da tyramnia reinante.

Poucos dias depois, a sua residencia, na rua João Boemer, voava pelos ares, despedaçada pela acção de uma bomba. Pról tinha deixado de existir...

Hoje recordando-me de meu bom amigo, vejo a sua prophecia, de que dia chegará em que a humanidade se lembrará com orgulho desses obscuros sapadores da revolução, com orgulho, está a realizar-se.

Nós os que fazemos esta humilde, porém sincera homenagem, somos levados a isto, movidos de admiração pelos quatro mortos.

José Pról, era natural de Hespanha, veio para o Brasil muito novo; tendo, no Brasil, aprendido o officio de pedreiro. Residiu na cidade de Santos por muito tempo, onde, com denodo, luctou nas organizações operarias; depois estabeleceu residencia em São Paulo onde a morte traiçoeira o foi colher.

Era casado e deixou mulher e trez filhos menores.

Ultimamente dedicava-se a vender diversos objectos a prestações, com o que ganhava para sustentar sua familia e para comprar o material necessario á fabricação das bombas.

Tinha seus 28 annos de idade, era robusto e dotado de rara energia e de um grande coração.

Com a morte de Prol, desappareceu para sempre um bom, um justo, um homem que honrava a especie.

IGNOTUS.

Os espiritos pequenos são feridos pelas coisas pequenas e não notam as grandes; os grandes espiritos veem as grandes e as pequenas coisas e não são feridos por nenhuma.

LA ROCHE FANCAULD.

A TIRANIA

Ergue-se altiva sobre um trono d'ossos
E aure o cheiro do sangue com prazer;
Alegra-lhe a alma crua a morte vêr;
Com volupia lacera os membros nossos!

Nos albergues sem luz, nos fundos fossos
Onde os povos arrastam seu viver,
Vê, sem pesar, os prantos, o sofrer,
E, passa rindo sobre os seus destroços!

Escravisa, acorrenta a Humanidade,
Forceja por matar a Liberdade
No sangue derramado dos seus crentes!

Susta nas osseas mãos ferreas cadeias;
Sem dó algema os pulsos e as idéas...
'Té que acordem um dia os indif'rentes.

XAVIER DE PAIVA.

Desgraçado do homem que não sabe sacrifricar um dia de prazer aos deveres da humanidade.

BAUSSEAU.

Porque se deu a explosão da Rua João Boemer

A falta de meios muito contribuiu para este acontecimento.

A formula usada por estes quatro camaradas era a mesma que usavam os revolucionarios da Republica portugueza, esta formula, podemos dizer que é a mais efficaz até hoje conhecida, tanto pela simplicidade da fabricação, como pelos seus effeitos de destruição.

Os jornalistas burguezes incumbiram-se de trazer a publico os resultados dos exames feitos por peritos, do material empregado no fabrico de taes explosivos, o que nós propomos explicar para conhecimento de todos, das causas deste doloroso acontecimento, eis a formula empregada:

O envolucro de ferro pode ser de 2 pollegadas por 2 com dois orificios, um de cada lado sendo um de 5/8 e outro de 1/4 ao primeiro adapta-se um parafuso que o tapa depois de introduzida a carga de dynamite, que deve ser escolhida de primeira, o segundo serve para colocar o fulminato de mercurio (espoleta) para fazer explodir esta bomba acondiciona-se uma camada de polvora cloratada em toda a volta e estremidades do envolucro misturando-se com a polvora algumas pedras partidas (é preferivel a pedra pederneira) este involucro que deve consestir em um saquinho de papel simples, deve levar algumas voltas de barbante, a colocação do barbante é a parte mais perigosa desta fabricação por isso requer o maior cuidado possivel, a nosso ver, foi ao executar este trabalho que o envolucro escapou das mãos de uma das victimas, caindo ao chão o que produziu a explosão.

Como é fabricada a polvora cloratada

Para fabricar a polvora cloratada, é indispensavel uma pequena balança, para pesar as porções de cada materia que ha de formar o conjunto a que se chama polvora cloratada: esta polvora, é de effeitos tão violentos que em muitos casos póde substituir a dynamite. O seu fabrico é simplissimo, como se póde verificar: obtem-se polvora cloratada com antimonio, clorato de potassa e enxofre: nas seguintes porções: clorato de potassa tres partes, antimonio duas partes, enxofre uma parte; assim é, que, para fazer 600 g. de polvora, poremos 300 g. de clorato de potassa, 200 g. de antimonio e 100 g. de enxofre.

Antes de misturar estes elementos, deve-se moêr bem um por um, passando-os em seguida por uma peneira bem fina, de maneira a não passar nenhum grão inteiro. Para fazer a liga dos tres elementos: convém ainda utilizar a peneira fina; esta polvora tem o valor de explodir ao menor contacto, especialmente se colocamos com ella algumas areias de pedra; é por isso que se colloca em toda a volta do envolucro de ferro ou bomba uma camada desta polvora que ao explodir communica o fogo ao fulminante de mercurio, (espoleta) collocada no orificio de $^1/_4$ que vimos em uma das extremidades da bomba.

Todos sabem que a dynamite é inoffensiva separada do fulminante de mercurio por esse motivo as pessoas que fabricam bombas devem collocar a espoleta sómente no fim, isto é, ao terminar o trabalho interno, que é só collocar a ultima camada da polvora.

A polvora cloratada tem ainda outras applicações, entre ellas a mais importante para os revolucionarios tem sido a reacção que produz ao communicar-se com o acido sulfurico, esta approximação produz uma explosão violentissima a ponto de alguns terem utilizado este processo como explosivo, o que não aconselhamos a ninguem, porque outros ha mais violentos e mais baratos.

Os revolucionarios portuguezes usavam um outro typo de bomba que tendo os mesmos effeitos da que acabamos de descrever, não offerece perigo ao seu fabricante e é de mais facil conducção; esta bomba consiste em um envolucro de ferro de 2 × 2 com um orificio ao centro de $^3/_4$; por este orificio faremos o carregamento de dynamite, deixando um claro ao centro feito por um tubo de folha; espetado na dynamite collocamos 2 ou 3 espoletas, enchendo-as de polvora clorotada, no fundo do tubo de folha tambem collocamos uma certa porção de polvora cloratada, este orificio será tampado com um parafuso, proprio para collocar ou tirar em qualquer momento; feito isto, enchemos um vidro bem fino de acido sulfurico, collocando-lhe uma bala de chumbo dentro; este vidro é collocado no claro que vimos ao centro da bomba, fechando em seguida o orificio com um parafuso proprio; feito isto, atirando a bomba a bala de chumbo com o choque quebra o vidro deixando que o acido sulfurico se communique com a polvora cloratada, esta com as espoletas produzindo-se a explosão.

Esta bomba offerece muito menos perigo a quem a fabrica que o typo das que liquidaram os nossos saudosos camaradas.

Outra causa da explosão da rua João Boemer, parece-nos que deveu ser de um lado a falta de logar proprio para dar sahida aos gazes que as differentes materias produzem.

Nesta especie de trabalho. Vem a proposito dizer que nunca se deve trabalhar mais de quatro horas seguidas, havendo mesmo quem no fim de uma hora principie a sentir-se mal, especialmente o systema nervoso alterado; nestas condições não se póde ter o cuidado que é indispensavel neste trabalho, por isso aconselhamos a quem se occupe destes assumptos evitar os mais insignificantes abusos.

A rebeldia é a mãe de todo o progresso. A humanidade caminha da rebeldia em rebeldia.

URBAIN GOHIER